REGÊNCIA DE NÚCLEOS VAZIOS

MARIA AUGUSTA CAVACO MIGUEL

0. *Introdução*

Na fala culta do Português europeu registam-se frequentes supressões vocálicas que se processam não de forma aleatória e imprevisível, mas sim padronizadas, à semelhança do que acontece noutras línguas como sejam o Francês e o Árabe, entre outras [1].

As supressões vocálicas, embora tenham sido atestadas desde há muito pelos fonólogos portugueses, não foram traduzíveis nas análises segmentais, devido à base de sustentação das mesmas; isto é, o fonema e o contexto. Não tendo [ø] [2] existência fonética, não é considerado fonema, apesar dos contrastes distintivos que trava com os verdadeiros segmentos. As mesmas considerações fonológicas poderão ser tecidas a respeito da vogal [ɨ]. Por conseguinte, estes contrastes dificilmente poderiam ter sido encarados como constituindo problemas fonológicos reais.

Os novos modelos teóricos vieram possibilitar abordagens mais satisfatórias a este nível. No plano multilinear, explica-se de forma coerente não só as supressões vocálicas como também os padrões de alternância da vogal [ɨ] com [ø] nos núcleos vazios.

---

[1] Cf. Charette (1991) e Kaye (1990).

[2] Zero, assim representado [ø], indica valor fonético nulo.

A vogal que alterna com [ø] em núcleos vazios pode ser foneticamente diferente de língua para língua (a do Francês é «schwa» enquanto que a do Árabe é [ɨ]), no entanto os padrões de alternância que este tipo de vogais exibe através das diversas línguas humanas são sensivelmente os mesmos em todas elas. Este comportamento vocálico é interpretado por Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1990) com base nos princípios gerais da Fonologia da Regência (Government Based Phonology). Doravante utilizaremos a sigla Gb para designar este modelo fonológico. É seguindo a mesma linha de investigação que iremos analisar este fenómeno na língua portuguesa [3].

1. *Os núcleos vazios*

A noção de núcleo vazio já se encontra, hoje em dia, devidamente patenteada na fonologia portuguesa. Independentemente da teoria silábica com a qual se empreenda uma análise fonológica, jamais os extensos grupos de consoantes em contacto, originados pela supressão de vogais, poderão ser silabificados num único constituinte. Por conseguinte, a postulação de núcleos vazios ganha, desde logo, um reputável estatuto. Os núcleos vazios não são uma mera construção teórica, necessária para uma boa organização silábica. A sua existência pode ser comprovada cientificamente, assim como se pode justificar a presença e a ausência de vogal nestes núcleos.

Anderson (1982) foi um dos pioneiros na proposta de núcleos vazios nas representações lexicais das palavras. Kaye e Lowenstamm (1984), por seu lado, apresentaram uma concepção semelhante quanto à representação de uma vogal que alterna com zero, embora não tenham aderido à conclusão de Anderson de que uma sílaba vazia seja suprimida após a ressilabificação do seu ataque.

Na interpretação que Kaye (1990) faz da alternância entre [ɨ] e [ø] no Árabe de Marrocos, esta deve-se à actuação do PG. A definição que o autor nos dá de núcleo vazio é a seguinte: «nuclei dominating a position which has no segmental content». E acrescenta ainda que «At times these positions are expressed phonetically and at times not. The point is that all such positions are present at the level of lexical representation.» (P. 132.) Um núcleo vazio

---

[3] Este estudo baseia-se em investigação desenvolvida para a dissertação de doutoramento, apresentada pela autora na Universidade dos Açores, em 1993.

não é, nesta perspectiva, o resultado do apagamento de um constituinte silábico; zero representa a falta de conteúdo fonético num núcleo existente numa representação lexical.

Segundo Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1990), as relações silábicas estabelecem-se no primeiro ciclo, como está assente no **Projection Principle** [4], e a sua estabilização dá-se a partir daí. Logo, qualquer esqueleto silábico, que contenha núcleos vazios, dará conta desses nós desde o início da representação e mantê-los-á através de toda a derivação.

A noção de núcleo vazio é uma noção fundamental na fonologia; um núcleo vazio está para a fonologia como a noção de *traço* está para a sintaxe [5]. Um segmento pode não ter realização fonética em determinadas circunstâncias mas o seu nó, uma vez estabelecido no primeiro ciclo, manter-se-á na estrutura silábica da palavra. A identificação de núcleos vazios nas representações lexicais das palavras deixa transparecer a sua composição segmental, permitindo-nos perspectivar a totalidade dos constituintes silábicos que entram na sua formação, mesmo quando os mesmos não tenham realidade fonética [6]. Deste modo, qualquer estudo fonológico, quer na camada silábica quer na camada autossegmental, ganha outra dinâmica com o panorama dos núcleos vazios.

Na língua portuguesa, os núcleos vazios estão bem visíveis em palavras como *querer* e *crer; superar* e *soprar,* as quais podem ser pronunciadas sem qualquer contraste fonético — [krér] e [suprár] — ou, alternativamente, pode-se realizar foneticamente a vogal [ɨ] nas palavras *querer* [kɨrér] e *superar* [supɨrár], mas não nas palavras *crer* e *soprar* [7]. Esta possibilidade de alternância da vogal [ɨ] com zero [ø] numas palavras e noutras não tem uma explicação fonológica concreta. Existe uma diferença apreciável nas representações silábicas destas duas palavras que as distingue, mesmo quando seja possível dar-

---

[4] Cf. Definição de «Projection Principle» em Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1990).

[5] Anderson (1982) apresenta esta noção no seu estudo de «schwa» em Francês e diz a esse respeito o seguinte: «it is suggested that the vowel schwa should be regarded as a phonological syllabic nucleus unfilled by any phonetic content in underlying structure — analogous to «empty nodes» in syntax» (p. 534).

[6] Entendemos que a fonética não constitui um suporte fiável para a verificação dos fenómenos fonológicos. No decorrer deste artigo poder-se-á constatar a importância fonológica de unidades foneticamente nulas.

[7] Cf. Delgado-Martins (1986) para uma abordagem destes contrastes.

-lhes o mesmo valor fonético, como se pode ver nas representações em (1.a) e (1.b) [8].

```
(1.a)   A   N   A   N   A   N   A   N
        |   |   |   |   |   |   |   |
        x   x   x   x   x   x   x   x
        |   |   |   |   |   |   |
        s   u   p   v°  r   á   r

(1.b)   A   N     A     N   A   N
        |   |   /   \   |   |   |
        x   x   x   x   x   x   x
        |   |   |   |   |   |
        s   u   p   r   á   r
```

A observação das representações silábicas destas palavras revela-nos que existem duas estruturas diferentes: em *superar*, [p] e [r] estão separados por um núcleo vazio que pode ou não realizar-se foneticamente na vogal [ɨ]; em *soprar*, [p] e [r] são ambos membros de um único constituinte, o que impede a interposição de uma vogal. Como resultado, temos que a palavra *superar* pode ser pronunciada tal como *soprar,* quando a vogal [ɨ] não é realizada, enquanto *soprar* nunca poderá ser pronunciada [supörár], visto que *p* e *r* formam um encontro consonantal inseparável, ao estarem ligados ao mesmo constituinte silábico.

Até agora, a postulação de constituintes com núcleos vazios poderá parecer *ad hoc*, pode-se, no entanto, comprovar empiricamente a sua existência. Basta, para tanto, que prefixemos com *in-* ou *des-* palavras começadas por vogal e por consoante, para que a reacção dos prefixo nos dêem conta desta realidade fonológica. É o que podemos verificar nos exemplos que se seguem:

a) acabado / inacabado [ɐkɐbádu] / [inɐkɐbádu]
oportuno / inoportuno [ɔpurtúnu] / [inɔpurtúnu]
b) feliz / infeliz [fliʃ] / [ĩfliʃ]
possível / impossível [pusívɛł] / [ĩpusívɛł]

---

[8] O símbolo (v°) representa uma vogal que ocorre num núcleo vazio e que pode ter ou não interpretação fonética.

c) esquecer [ʃkɛsér] / inesquecível [inɨʃkɛsíveł] *[ĩʃkɛsíveł]
esperado [ʃpɨrádu] / inesperado [inɨʃpɨrádu] *[ĩʃpɨrádu]
d) igual / desigual [igwał] / [dzigwał]
animar / desanimar [ɐnimár] / [dzɐnimár]
e) fazer / desfazer [fɐzér] / [dɨʃfɐzér]
bravo / desbravar [brávu] / [dɨʃbrɐvár]
f) esperar / desesperar [ʃpɨrár] / [dzɨʃprár]
estimável / desestimável [ʃtimávɛł] / [dzɨʃtimávɛł]

Como vemos nos exemplos *a*) e *b*), o prefixo *in-* toma a forma fonética [in] ou [ĩ], conforme se junta a uma palavra começada por vogal ou por consoante. Os exemplos apresentados em c) começam foneticamente por consoante, no entanto, ao prefixá-los de *in-*, a reacção do prefixo não se faz do mesmo modo que em *b*). Na verdade, ele reage como se se estivesse a juntar a palavras começadas por vogal, o que não corresponde à realidade fonética dos exemplos. O mesmo acontece com o prefixo *des-* nos exemplos de *d*), *e*) e *f*), o qual toma a forma fonética [dɨʃ] ou [dɨz], consoante se junta a palavras começadas por consoante surda ou por vogal, respectivamente.

A justificação para o comportamento dos prefixos em *c*) e *f*) é a de que o mesmo está a reagir à presença de um núcleo vazio existente no início destas palavras que, embora não contenha uma vogal foneticamente expressa, desencadeia a reacção do prefixo à presença do núcleo.

2. *A vogal* [ɨ] *no Português europeu*

O facto de [ɨ] não contrastar com outra vogal em posição tónica, bem como a sua capacidade de ser foneticamente zero, desmereceu-lhe a importância fonológica devida. Barbosa (1965) considerou-a fechada e fugaz, observando-lhe a capacidade de desaparecer totalmente. Mas esta capacidade que a vogal [ɨ] tem de aparecer e, sobretudo, de desaparecer nunca receberia uma explicação compatível com a natureza do problema.

Mattoso Câmara (1971) vê a «reposição da vogal temática -e, que está suprimida no singular mas que aparece no plural [...]» (pp. 59-60) [9], nos moldes em que Dell (1973) explica o desaparecimento do «t» final do adjec-

[9] Cf. ainda J. Carvalho (1962) sobre este mesmo assunto.

tivo «petit» e o seu surgimento na forma feminina «petite». E, embora as análises de Dell e de Mattoso Câmara não tenham sido contundentes, Dell, por seu lado, pôde aperceber-se de que a vogal «schwa» era particular pela sua propriedade de poder alternar com zero, tendo argumentado que alguns processos fonológicos podem ser mais facilmente explicados com a proposta de «schwa» em forma subjacente, enquanto Mattoso Câmara se deu conta de que os nomes terminados foneticamente em consoante têm uma extensão vocálica não audível no singular dessas palavras.

Numa perspectiva generativista, Mateus (1974) e E. d'Andrade (1977) explicaram a vogal [ɨ] em forma fonética como sendo o resultado da aplicação de regras fonológicas de elevação das vogais /e/ e /e/ átonas. Na realidade, e ao contrário daquilo que se chegou a pensar, a vogal [ɨ] não é o resultado da elevação de segmentos. Se assim fosse, não poderíamos restringir a sua origem aos segmentos /e/ e /ɛ/ em forma de base, pois ficariam por explicar formas fonéticas como as seguintes:

a) definir [dɨfɨnír]
medicina [mɨdɨsínɐ]
b) futuro [fɨtúru]
capítulo [kɐpítɨlu]
c) abstracto [ɐbɨStrátu]
admirar [ɐdɨmirár]

No caso dos exemplos de *a*), o som [ɨ] surge no lugar de uma vogal [i]; nos exemplos de *b*), [ɨ] emerge onde existia uma vogal [u] e, nos exemplos de *c*), [ɨ] surge num núcleo vazio, ou seja numa posição onde não existia previamente qualquer segmento [10].

A insuficiência das análises lineares deve-se ao facto de ser praticamente impossível delinear todos os contextos em que esta vogal pode surgir ou ser suprimida e captá-los em regras fonológicas.

Na nossa análise dos núcleos vazios, a vogal [ɨ] ocupará um papel de destaque. O carácter desta vogal e a sua natureza intrínseca mostram que ela não é mais do que a interpretação fonética de um núcleo vazio no Português europeu [11].

---

[10] Kaye (1995) diz a esse respeito: «An unlicensed empty nucleus is normally interpreted as [ę] which is what the identity element sounds like.» (P. 296.)

[11] Apesar de se tratar da mesma língua, este papel é desempenhado pela vogal **i** no Português do Brasil.

3. *A Regência em Sentido Estrito («Proper Government»)*

Sendo a proposta dos núcleos vazios sustentável, é preciso saber em que circunstâncias é que eles se podem desprender do seu conteúdo fonético. Para responder a esta pergunta, Kaye Lowenstamm e Vergnaud (1990) propuseram a noção de Regência em Sentido Estrito («Proper Government» (PG)) em fonologia. O PG é um tipo de regência mais forte do que a regência silábica, em que os núcleos assumem funções de regência transsilábica. Segundo estes investigadores, um núcleo vazio é uma categoria vazia que está a ser regida por outro núcleo, se existirem as condições para que essa regência se manifeste. A regência transnuclear tem duas modalidades: ou se processa núcleo a núcleo ou é livre *(unbounded)* [12].

O papel do PG é o de **autorizar** posições nucleares vazias, sempre e quando se observe a **Condição de Localidade**; isto é, se e somente se os núcleos forem adjacentes nas suas projecções. Assim, numa regência núcleo a núcleo, uma posição nuclear α rege com PG uma posição nuclear β se e somente se:

1 — α for adjacente a β na sua projecção;
2 — α não for ela própria autorizada;
3 — não houver domínios de regência entre α e β.

Sempre que se observem estas condições, o núcleo regido não necessita de ser realizado foneticamente, o que equivale a dizer que ele é zero [ø]. É esta noção que define o **Princípio das Categorias Vazias** que, por comodidade, repetimos aqui: «A position may be uninterpreted phonetically if it is properly governed» (KLV 1990: 219).

Dada a exigência de localidade, para que haja uma relação de regência entre o regente e o regido, estes devem ser adjacentes nas suas projecções. Na regência livre é possível estabelecer adjacência em mais do que um nível de projecção. Em contrapartida, para que se estabeleçam relações de regência núcleo a núcleo, o núcleo regente fica estritamente adjacente ao regido e terá que ter interpretação fonética pela condição (2) do PG.

---

[12] A possibilidade de regência em mais do que um núcleo em simultâneo observa-se, por exemplo, no Árabe de Marrocos, dialecto de Marrakech.

Ilustraremos a adjacência a nível das projecções nucleares nos esquemas seguintes:

(2) Livre

```
N1      N2      N3
|       |       |
A  N    A  N    A  N
|  |    |  |    |  |
x  x    x  x    x  x
|  |    |  |    |  |
   [ø]     [ø]     a
```

(3) Núcleo a Núcleo

```
      x
N1      N2      N3
|       |       |
A  N    A  N    A  N
|  |    |  |    |  |
x  x    x  x    x  x
|  |    |  |    |  |
   [ɨ]     [ø]     a
```

Existem nestes esquemas três núcleos, os quais foram projectados e numerados N1, N2 e N3 para facilitar a descrição: N1 e N2 são núcleos vazios; N3 contém uma vogal, a qual no modelo de regência livre, representado em (2), rege N2 num nível de projecção e N1 noutro nível. Na regência núcleo a núcleo, representada esquematicamente em (3), o PG, procedendo de N3 (i. e. de um dos núcleos adjacentes nas suas projecções ao núcleo vazio), rege N2 autorizando o núcleo vazio. No mesmo nível, N2 não pode reger N1 apesar de lhe ficar adjacente na projecção pelo facto de não ter leitura fonética. Neste caso concreto, N1 é um núcleo vazio sem regência, portanto, terá que ser interpretado foneticamente.

De um modo universal, a regência transnuclear, PG, é direccional e a sua direccionalidade é definida parametricamente. Existe a opção de ser um núcleo da direita a reger um núcleo da esquerda, e nesse caso o PG tem a direcção direita-esquerda ou, pelo contrário, pode ser um núcleo da esquerda a reger um núcleo à sua direita, o que dá uma direccionalidade esquerda-direita; menos comummente, pode surgir um núcleo que reja simultaneamente dois núcleos, como se disse anteriormente no caso de um PG livre.

Existindo todas estas possibilidades, e em virtude dos núcleos vazios surgirem frequentemente em diversos pontos numa palavra, cabe-nos demonstrar qual é a variação paramétrica do Português europeu no que concerne à direccionalidade do PG. Para podermos comprovar essa direccionalidade, começaremos por reduzir a faixa de actuação desta regência a fim de facilitarmos a determinação do sentido em que ela opera. Analisemos, em primeiro lugar, os núcleos pretónicos.

4. *Regência em núcleos pretónicos*

4.1. *Regência de um núcleo vazio pretónico*

Na língua portuguesa, as vogais acentuadas não são suprimíveis, característica que as torna boas regentes de outros núcleos; um outro factor a ter em consideração nesta análise é a Condição de Localidade. Dada esta Condição, a regência proveniente de um núcleo postónico nunca poderá atravessar a vogal acentuada e actuar num núcleo pretónico. Podemos assim, com toda a segurança, restringir a nossa faixa de análise aos núcleos vazios pretónicos. Para nos aproximarmos da solução do problema, reduziremos o número de núcleos pretónicos para que mais facilmente possamos perspectivar o núcleo regente. Observem-se os exemplos de (4):

(4)	besugo [bøzúgu]	perigo [pørígu]	querido [kørídu]
	pessoa [pøsóɐ]	menino [mønínu]	pequeno [pøkénu]

Nestes exemplos não existe nenhum núcleo à esquerda do núcleo vazio, portanto, a regência transnuclear só pode ter origem no núcleo da direita; isto equivale a dizer que o PG actua da direita para a esquerda. Essa direcção pode ser observada na representação silábica da palavra *perigo* (5):

(5)

```
                  ←———————|
        N         N         N
        |         |         |
A       N   A     N   A     N
|       |   |     |   |     |
x       x   x     x   x     x
|       |   |     |   |     |
p       v°  r     í   g     u
        [ø]
```

Como o exemplo indica, o núcleo da direita é o núcleo de onde procede a regência para o núcleo vazio, o que nos leva a concluir que, em posição pretónica, os núcleos vazios são regidos na direcção direita-esquerda [13].

---

[13] Veja-se também sobre este assunto Miguel (1989).

Nos exemplos analisados, o núcleo regente é o que contém a vogal acentuada, contudo, não podemos concluir que só esta vogal possa ter a capacidade de reger outros núcleos. Existem exemplos em que a projecção do núcleo vazio não fica adjacente à projecção do núcleo que contém a vogal acentuada; nesses casos, a regência do núcleo vazio não pode ser suportada pelo núcleo com a vogal tónica. A regência, com a direccionalidade que lhe identificámos, fica a cargo do núcleo que se situa imediatamente à sua direita, qualquer que ele seja, desde que o mesmo tenha interpretação fonética, como nos exemplos em (6.a), (6.b) e (6.c):

(6.a)		(6.b)		(6.c)	
delicado	[dølikádu]	debaixo	[dəbájʃu]	aperaltar	[apørałtár]
feriado	[føriádu]	defeito	[dəféjtu]	celeste	[sølɛ́ʃt]
perigoso	[pørigózu]	pelouro	[pølówru]	legislar	[løʒiʒlár]

Qualquer vogal, independentemente da estrutura silábica em que se encontre, pode reger o núcleo à sua esquerda numa regência transnuclear.

Vejamos esquematicamente a origem da regência nos núcleos vazios destas palavras através da representação lexical da palavra *delicado*:

(7)

A	N	A	N	A	N	A	N
|	|	|	|	|	|	|	|
x	x	x	x	x	x	x	x
|	|	|	|	|	|	|	|
d	v°	l	i	k	á	d	u
	[ø]						

No exemplo exposto, o núcleo que se apresenta nas condições exigidas para a actuação do PG é o núcleo imediatamente à direita do núcleo vazio, o qual não corresponde ao núcleo contendo a vogal acentuada [14].

[14] Qualquer núcleo regente terá sempre que obedecer às condições do PCV e da Localidade.

4.2. *Regência em dois núcleos pretónicos*

Quando confrontados com pares de palavras como, por exemplo, *penedo/penedia* [pønédu]/[pɨnødíɐ]; *merece/merecer* [møres]/[mɨrøsér], vemos alternar num mesmo ponto a vogal [ɨ] com a vogal zero [ø] (o contexto não é sugestivo por se manter inalterado). Em contrapartida, a alternância de uma vogal com zero num núcleo vazio sugere a actuação do Princípio das Categorias Vazias (PCV).

Podemos demonstrar que, nas palavras em que existam dois núcleos pretónicos vazios, adjacentes nas suas projecções, o núcleo da direita recebe PG da vogal à sua direita e é foneticamente zero. O outro núcleo vazio, não podendo ser regido por um núcleo já autorizado e, portanto, sem conteúdo fonético, realiza-se na vogal [ɨ] [15].

No caso das palavras que contêm dois ou mais núcleos vazios contíguos, quando um deles é foneticamente zero, este fica impossibilitado de reger outro núcleo. Por essa razão, o núcleo adjacente, à esquerda do núcleo vazio, tem interpretação fonética. Comparem-se os exemplos de (8.a), (8.b) e (8.c):

(8.a)	(8.b)	(8.c)	
beterraba	[bɨtøRábɐ]	* [bøtɨRábɐ]	* [bøtøRábɐ]
delegado	[dɨløgádu]	* [døɨgádu]	* [døløgádu]
federação	[fɨdørɐsãw]	* [fødɨrɐsãw]	* [fødørɐsãw]
Fevereiro	[fɨvøréjru]	* [føvɨréjru]	* [føvøréjru]
merecer	[mɨrøsér]	* [mørɨsér]	* [mørøsér]

Repare-se que o núcleo vazio sem realização fonética é o núcleo da direita. Além do mais, os exemplos de (8.a), (8.b) e (8.c) mostram que os núcleos vazios obedecem a um determinado padrão. Se as supressões vocálicas fossem absolutamente aleatórias, qualquer uma das pronúncias propostas em (8.b) e (8.c) estaria correcta, mas tal não é o caso [16]. A pronúncia ou não da

---

[15] Lembramos que o PCV só autoriza o núcleo se o mesmo estiver a ser regido transsilabicamente; por outro lado, o PG pode actuar a partir de um núcleo adjacente à esquerda, desde que esse núcleo não seja ele próprio autorizado (i. e., que seja foneticamente interpretável).

[16] Segundo Andrade (1984), na análise fonética da fala de alguns informantes registam-se supressões de duas vogais, em núcleos adjacentes. Consideramos que, no estado actual da língua, a alternância vocálica é aquilo que a caracteriza fonologicamente. Esses padrões de alternância são, de resto, bem mais marcados nas vogais altas [u] e [i].

vogal obedece a princípios que regem a sua supressão. Veja-se a sua representação nos exemplos seguintes:

(9)

```
          ←-----x—|
                  ←————————|
A     N   A   N   A   N   A   N
|     |   |   |   |   / \   |   |
x     x   x   x   x   x x   x   x
|     |   |   |   |   | |   |   |
f     v°  v   v°  r   e j   r   u
      [ɨ]     [ø]
```

(10)

```
            ←x—|
            ←————-------|
A     N   A   N   A   N   A   N
|     |   |   |   |   |   |   |
x     x   x   x   x   x   x   x
|     |   |   |   |   |   |   |
d     v°  l   v°  g   a   d   u
      [ɨ]     [ø]
```

No exemplo de (9), o núcleo contendo o ditongo [ej] rege o núcleo imediatamente à sua esquerda; o mesmo sucede em (10), onde a vogal [a] assume essa função. O PCV permite que o núcleo vazio possa apresentar-se sem leitura fonética. Mas, segundo as condições do PG na regência núcleo a núcleo, um núcleo foneticamente vazio não pode reger outro núcleo. Como resultado, numa sequência de dois núcleos vazios, o da esquerda tem leitura fonética enquanto o da direita não tem. Estes exemplos mostram igualmente que o PG em Português não é livre, ou seja, não pode reger simultaneamente dois núcleos vazios na mesma direcção. A regência de projecção faz-se, portanto, núcleo a núcleo.

5. *Restrições à acção do PG*

Até agora argumentámos que todo e qualquer núcleo vazio que tenha à sua direita, na projecção nuclear, um núcleo com conteúdo fonético é regido por este, o que dispensa a sua interpretação fonética. Cabe-nos agora

explicar as linhas de força que anulam a acção do PG, não permitindo que um núcleo que satisfaça os requisitos anteriormente expostos possa reger outro núcleo.

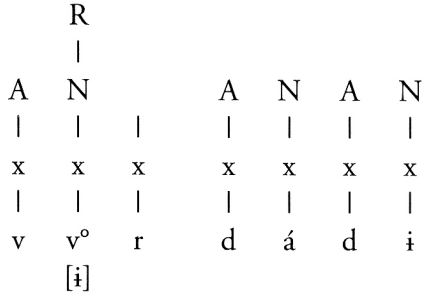
Identificaremos três dessas linhas de força que, na nossa língua, constituem barreiras para o PG. São elas certas estruturas silábicas, o Princípio da Autorização [17] e o «Obligatory Contour Principle» (OCP) [18].

5.1. *O PG e a rima*

A rima não é permeável ao PG. Mesmo quando exista à sua direita um núcleo com potencialidades de regente, o núcleo da rima nunca se desprende do seu conteúdo fonético. Vejam-se os exemplos seguintes:

(11)	bermuda	[bɨrmúdɐ]
	permitir	[pɨrmitír]
	verdade	[vɨrdád]
	vermelho	[vɨrméʎu]
	vertical	[vɨrtikáɫ]

(12)



Através da representação lexical da palavra *verdade,* podemos verificar que a consoante da rima forma com a consoante do ataque à sua direita um domínio de regência interconstituinte, o qual constitui uma barreira para a entrada do PG. A regência entre os dois núcleos, embora adjacentes nas suas projecções, é inviabilizada pela condição 3 do PG, a qual determina que o

---

[17] Ver Charette (1990) sobre «Licensers».

[18] Cf. Leben (1973) sobre este Princípio.

domínio de regência do PG não deve incluir um domínio de regência. Logo, o núcleo da rima não é regido transnuclearmente, o que dá como resultado a sua pronúncia.

5.2. *Bloqueio do PG antes de ataque ramificado*

Nas relações de regência silábica, os núcleos têm o papel de autorizar os ataques. Para que exista uma posição de ataque tem que existir, previamente, à direita, um núcleo que autorize esse nó. Esta função de *autorizar* não faz exigências especiais nos núcleos, de tal modo que um núcleo vazio pode assumir o papel de *autorizador* de um ataque. Há, no entanto, circunstâncias em que a função de *autorizar* só pode ser assumida mediante o preenchimento fonético do núcleo.

O ataque ramificado é um domínio de regência em que a consoante que ocupa a *cabeça* do constituinte desempenha funções de regente para com o seu *complementador*. Para que esta relação se obtenha é preciso que o núcleo que lhes fica à direita a autorize, tendo, a vogal desse núcleo que ser pronunciada.

Esta relação, que Charette (1991) observou no Francês, verifica-se igualmente na língua portuguesa: à direita de um ataque ramificado, o núcleo vazio necessita do seu valor fonético para poder autorizá-lo [19]. Podemos comprovar esta variação paramétrica do Português com a análise dos exemplos que se seguem:

(13)	clerical	[kl̪irikáɫ]	(14)	apreciação	[apri̪sjasãw]
	crepitar	[kri̪pitár]		agressão	[agri̪sãw]
	gregório	[gri̪gɔ´rju]		atrevido	[atri̪vídu]
	plebeu	[pl̪ibéw]		concretizar	[kõkri̪tizár]
	preguiça	[pri̪gísa]		entrevista	[ẽtri̪víʃta]
	prever	[pri̪vér]		eclesiástico	[ikl̪iziáʃtiku]

Quer nos exemplos de (13), em que o ataque ramificado se encontra no início de palavra, quer nos exemplos de (14), em que o ataque ramificado se encontra noutro contexto, a vogal realiza-se foneticamente à direita dos mesmos, embora nestes exemplos existam núcleos que são regentes potenciais

---

[19] Cf. Charette (1990), «License to govern», *Phonology* 7, 2: 233-253.

dos núcleos vazios, o que permitiria, automaticamente, a supressão da vogal. Como se pode comprovar através da análise silábica do exemplo apresentado em (15), tal não acontece.

(15)

```
                  ←——x——|
N     A     N   A   N   A   N
|   /   \   |   |   |   |   |
x   x   x   x   x   x   x   x
|   |   |   |   |   |   |   |
ɐ   t   r   v°  v   í   d   u
            [ɨ]
```

O núcleo contendo a vogal [i] está apto a reger o núcleo vazio à sua esquerda na palavra *atrevido*, porém, o Princípio da Autorização anula a acção do PG e a vogal [ɨ] ouve-se.

5.3. *Interacção do PG com o OCP*

Existem situações segmentais em que a interposição de um núcleo vazio sem valor fonético entre consoantes iguais desencadearia o OCP, dando como resultado o apagamento de uma delas. Para evitar este tipo de situação, o PG inibe-se de actuar sobre estes núcleos; nestes casos, é normal escutar-se a pronúncia da vogal num núcleo que está a ser propriamente regido. São exemplos as palavras de (16):

(16)

bebida	[bɨbídɐ]
Cecília	[sɨsíljɐ]
dedada	[dɨdádɐ]
memória	[mɨmɔ´rjɐ]
nenúfar	[nɨnúfɐr]

O PG procedente do núcleo da direita tem todas as condições para reger o núcleo que o precede, contudo, não actua para evitar o contacto das duas consoantes. Se o PG actuasse, as duas consoantes não sobreviveriam lado a lado, pois a acção de OCP anularia uma delas.

6. *Núcleos vazios postónicos*

Vimos que nos núcleos pretónicos, a vogal zero só era possível quando o núcleo vazio estava a ser regido por um núcleo que lhe ficasse adjacente à direita. É natural que em posição postónica as manifestações da referida vogal estejam sujeitas a essa mesma condição. Todavia, como se trata de posições postónicas teremos que ter em consideração outros parâmetros, tais como a **autorização** do núcleo vazio em final de palavra e a possibilidade do PG ter aqui uma orientação oposta àquela que apresenta nos núcleos pretónicos. Passaremos a analisar estas duas variáveis.

6.1. *O PG num núcleo vazio postónico não-final*

Em primeira instância, teremos que considerar duas possibilidades para a regência transnuclear postónica: ou o PG procede, tal como nos núcleos pretónicos, de um núcleo da direita ou, alternativamente, procede do núcleo da esquerda, o qual corresponde habitualmente ao da vogal acentuada. As palavras pre-paroxítonas são boas candidatas, visto que nelas existem dois núcleos que potencialmente podem reger o núcleo vazio que fica numa posição intermédia relativamente a estes núcleos, como se pode observar nos exemplos das palavras que se seguem:

(17)	cólera	[kɔ´lørɐ]
	chávena	[ʃávønɐ]
	efémero	[ifémøru]
	fenómeno	[fønɔ´mønu]
	indígena	[ĩdíʒøna]
	ópera	[ɔ´pørɐ]

Estas palavras, têm todas elas um núcleo vazio em posição postónica. Uma vez que os núcleos à direita e à esquerda do núcleo vazio se pronunciam, qualquer um deles se torna um regente potencial do núcleo vazio. É possível que a direccionalidade direita-esquerda do PG se mantenha, mas também é possível que ela tenha mudado. Assim, temos que considerar a hipótese do PG proceder quer do núcleo da direita, quer do núcleo da esquerda, como está representado em (18) e (19).

(18)

```
|--------->
N   A   N   A   N
|   |   |   |   |
x   x   x   x   x
|   |   |   |   |
ɔ´  p   v°  r   ɐ
[ø]
```

(19)

```
        <--------|
A   N   A   N   A   N
|   |   |   |   |   |
x   x   x   x   x   x
|   |   |   |   |   |
ʃ   á   v   v°  n   ɐ
[ø]
```

Como as representações silábicas das palavras *ópera* e *chávena* ilustram, existem à partida duas hipóteses na orientação da regência posnuclear: ou a vogal tónica é a regente, e nesse caso o PG tem uma direcção oposta a partir da vogal tónica, ou a direcção não muda e, então, a vogal final é a regente. Tal como fizemos na análise dos núcleos pretónicos, teremos necessariamente que estreitar a nossa faixa de observação para podermos verificar o mecanismo do PG nesta área.

6.2. *Núcleo vazio em final de palavra: regido ou autorizado?*

Na variedade «standard» portuguesa, é frequente o aparecimento de núcleos vazios no final de palavra sem realização fonética. São disso exemplo as palavras seguintes:

(20.a)				(20.b)				
cheque	[ʃékø]	k	[ø]	peixe	[péjʃø]	ʃ	[ø]	[ʃékɨ]	[péjʃɨ]
pote	[pɔ´tø]	t	[ø]	árvore	[árvurø]	r	[ø]	[pɔ´tɨ]	[árvurɨ]
acepipe	[aspípø]	p	[ø]	desfile	[dɨʃfílø]	l	[ø]	[aspípɨ]	[dɨʃfílɨ]
açougue	[asógø]	g	[ø]	hoje	[ózø]	ʒ	[ø]	[asógɨ]	[ózɨ]
açúde	[asúdø]	d	[ø]	cálice	[kálisø]	s	[ø]	[asúdɨ]	[kálisɨ]
cabe	[kábø]	b	[ø]	análise	[análizø]	z	[ø]	[kábɨ]	[análizɨ]
fome	[fɔ´mø]	m	[ø]	recife	[Rɨsífø]	f	[ø]	[fɔ´mɨ]	[Rɨsífɨ]

cone	[kɔ´nø]	n [ø]	leve	[lévø]	v [ø]	[kɔ´nɨ]	[lévɨ]
prenhe	[préøø]	ø [ø]	serre	[séRø]	R [ø]	[préøɨ]	[séRɨ]
colhe	[kɔ´ʎø]	ʎ [ø]				[kɔ´ʎɨ]	

Dado que o núcleo vazio se encontra no final de palavra, a haver regência sobre este núcleo, ela teria necessariamente que proceder da esquerda para a direita, ou seja, numa direcção inversa à que tomava nos núcleos pretónicos. A direccionalidade direita-esquerda, que se demonstrou para os núcleos pretónicos, está fora de questão nestes casos, uma vez que não existe uma vogal regente à direita. Assim sendo, poderíamos facilmente concluir que o PG nos núcleos postónicos actua em direcção oposta à dos núcleos pretónicos. Antes, porém, temos que considerar que um núcleo vazio no final de palavra pode ser regido com PG a partir do núcleo que o precede ou, alternativamente, pode ser autorizado, tal como acontece no Francês e no Inglês, por exemplo, onde a autorização se manifesta com variação paramétrica.

Segundo Charette (1991), as línguas que permitem que os seus núcleos vazios em final de palavra sejam zero (i. e., que permitem que as palavras terminem em consoante, e que oferecem a opção de pronunciar ou não a vogal no núcleo vazio no final de palavra) são línguas que estão a autorizar os seus núcleos finais [20]. Contrariamente, as línguas que não autorizam os núcleos vazios no final de palavra atribuem-lhes obrigatoriamente conteúdo fonético.

Nos exemplos de (20), reparámos que todas as consoantes podem terminar palavra, uma vez que o núcleo vazio à sua direita não tem valor fonético. Também verificámos que, tal como no Francês, a interpretação fonética dos núcleos finais é facultativa. Até aqui, a língua portuguesa coincide, ponto por ponto, com a definição de línguas que autorizam os núcleos finais. Este é um indicador muito forte de que os núcleos finais estão a ser autorizados. Assim sendo, o núcleo vazio no final de palavra deve-se a um outro

---

[20] Charette (1991: 132) afirma o seguinte: «According to the parameter given in (20) [(20) Licencing of word-final empty nuclei: A word-final *empty* nucleus is licensed: YES / NO] we should find two types of languages: those which do not license word-final empty nuclei and those which do license them. Languages which do not license word-final empty nuclei would obligatorily give phonetic content to those nuclei. [...]. The second type of languages are those which license word-final empty nuclei. They authorize a word-final empty nucleus to be realized as zero even though it is not properly governed.» Neste quadro, o Português europeu é claramente uma «YES language» no que concerne à autorização dos núcleos finais.

aspecto paramétrico do Português europeu — o de *autorizar os núcleos vazios em final de palavra*, e não a um factor de regência transnuclear.

Fica assim demonstrado que o factor que entra na explicação do fenómeno da vogal zero em núcleos finais é a **autorização** destes núcleos vazios.

6.3. *Dois núcleos vazios postónicos*

Nas palavras em que se observe uma sequência de dois núcleos vazios em posição postónica, ou surgem ambos sem leitura fonética ou, alternativamente, se dá leitura fonética ao último núcleo mas não ao penúltimo. A pronúncia do penúltimo núcleo, mas não do último, não é aceitável. Comparem-se os exemplos de (21.a), (21.b) e (21.c).

(21.a)		(21.b)	(21.c)
antítese	[ãtítøzø]	[ãtítøzɨ]	* [ãtítɨzø]
aborígene	[aburíʒønø]	[aburíʒønɨ]	* [aburíʒɨnø]
bridege	[bridøʒø]	[bridøʒɨ]	* [brídɨʒø]
cárcere	[kársørø]	[kársørɨ]	* [kársɨrø]
congénere	[kõʒɛ́nørø]	[kõʒɛ́nørɨ]	* [kõʒɛ́nɨrø]
hóspede	[ɔ´ʃpødø]	[ɔ´ʃpødɨ]	* [ɔ´ʃpɨdø]

Sendo o núcleo vazio final autorizado, o penúltimo núcleo vazio poderia, eventualmente, ser regido com PG a partir da vogal tónica. Como já é sabido, um núcleo sem conteúdo fonético não tem capacidade para reger outro núcleo. Para além de que o núcleo final da palavra, uma vez autorizado, não pode reger o núcleo vazio à sua esquerda. Logo, se o penúltimo núcleo for regido com PG, este provém obrigatoriamente da vogal tónica. Sendo assim, teremos encontrado uma justificação para esta sequência de núcleos vazios, mas estaremos a identificar nos núcleos postónicos uma direccionalidade no PG oposta à dos núcleos pretónicos, ou seja, uma direcção esquerda-direita, como a que indicamos no exemplo de (22):

(22)

```
            |——?——→
   A        N   A   N   A   N
  /  \      |   |   |   |   |
  x   x     x   x   x   x   x
  |   |     |   |   |   |   |
  p   r     ɔ´  s   v°  r   v° ←------- (autorizado)
                    [ø]     [ø]
```

Mas, numa observação mais atenta dos exemplos de (21.b e 21.c), vemos que não é possível pronunciar a penúltima vogal e deixar de pronunciar a última. Podemos ver, igualmente, que em palavras como *fúnebre* e *célebre* opera o mesmo mecanismo, i. e., ou não se pronunciam ambas as vogais ou alternativamente pronuncia-se a última, mas não a penúltima, apesar de entre os dois núcleos vazios intervir um ataque ramificado. Mais curiosa ainda é a dispensa da pronúncia da vogal [ɨ] à direita do ataque ramificado nas palavras *íngreme* [ĩgrømø] e *intérprete* [ĩtérprøtø], mesmo quando o núcleo vazio nestas circunstâncias silábicas requeira a pronúncia da vogal para poder autorizar a zona de regência. Estas observações desviam-se daquilo que verificámos anteriormente relativamente aos núcleos pretónicos, onde o PG não tinha o poder de se impor à autorização, sendo necessária a pronúncia da vogal antes do ataque ramificado.

Tratando-se de dois mecanismos actuantes na supressão das vogais nestes núcleos — a Autorização e o PG —, tudo indica que eles actuam separadamente; de outro modo, não é aparente a razão que obriga a pronúncia da vogal no último núcleo, uma vez que, como já vimos, este é autorizado. O que fica claro é que o mecanismo das supressões nos núcleos postónicos não obedece ao mesmo padrão dos núcleos pretónicos, em que a alternância se devia apenas ao PG. O que se observa agora é que, quando o último núcleo é autorizado, o penúltimo não é pronunciável. Este facto leva-nos a considerar a possibilidade da autorização atingir os dois núcleos vazios em simultâneo.

Por seu lado, o padrão [ø] / [ɨ] pode continuar a dever-se ao PG. Se a escolha do falante for a de não autorizar o último núcleo e, consequentemente, pronunciar a vogal [ɨ] deste núcleo, deixamo-lo apto a reger o núcleo adjacente na sua projecção à sua esquerda, com PG. Nesse caso, não existe razão para considerar uma direccionalidade oposta para o PG nos núcleos postónicos. Justifica-se assim, igualmente, a alternância vocálica nos núcleos postónicos. No caso de haver alternância, consideramos que o PG actua a partir do último núcleo, como exemplificamos em (23).

(23)

						←		
N	A	N	A	N	A	N	A	N
|	|	|	|	|	|	|	|	|
x	x	x	x	x	x	x	x	x
|	|	|	|	|	|	|	|	|
a	b	u	r	í	ʒ	v°	n	v°
						[ø]		[ɨ]

7. *Conclusão*

Da análise levada a cabo neste artigo, concluímos que a realização ou não-realização fonética dos núcleos vazios em núcleos pretónicos e em núcleos postónicos não é simétrica.

Nos núcleos pretónicos, o PG provoca um padrão de alternância entre a vogal [ɨ] e a vogal zero, consoante o núcleo receba ou não a sua influência, a qual provém de um núcleo adjacente na projecção dos núcleos, à direita. São barreiras para o PG algumas zonas de regência e a autorização dos ataques ramificados.

Nos núcleos postónicos, o PG actua igualmente da direita para a esquerda, a partir do núcleo final da palavra, provocando alternância na pronúncia da vogal [ɨ]. Deve-se, no entanto, acrescentar que, nos núcleos postónicos, a Autorização dos núcleos vazios desempenha agora um papel preponderante na não realização fonética dos núcleos vazios. Demonstrámos que o Português europeu autoriza os núcleos finais, sendo que essa autorização aparenta ser extensível ao núcleo vazio adjacente à esquerda. Este facto dá-nos um padrão de dois núcleos vazios adjacentes nas suas projecções, o que não se observou nos núcleos pretónicos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, S., 1982, «The analysis of French schwa: or, how to get something from nothing», *LG,* 58, 534-573.

ANDRADE, A., 1984, «Reflexões sobre o 'e mudo' em português europeu», *Actas do Congresso Internacional sobre o Português,* vol. II (1996), 303-344.

ANDRADE, E. d', 1977, *Aspects de la Phonologie (générative) du Portugais,* Lisboa, INIC, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

BARBOSA, J. M., 1965, *Études de Phonologie Portugaise,* Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

CÂMARA JR., J. M., 1971, *Problemas de Linguística Descritiva,* R. J., Ed. Vozes, Ltda.

CARVALHO, J., 1962, «Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas **e** e **o** em sílaba átona», *Revista Portuguesa de Filologia,* 12, 17-39.

CHARETTE, M., 1990, «Licence to govern», *Phonology,* 7.2, 193-231.

——, 1991, *Conditions on Phonological Government,* Cambridge, Cambridge University Press.

DELL, F., 1973, *Les Règles et les Sons: Introduction à la Phonologie Générative,* Paris, Hermann.

DELGADO-MARTINS, M. R., 1986, *Sept Études sur la Perception,* Lisboa, INIC.

KAYE, J., 1990, «Government in Phonology: the case of Moroccan Arabic», *The Linguistic Review,* 6, 131-159.

——, 1995, «Derivations in government phonology», *in* J. Durand e F. Katamba (eds.), *Frontiers of Phonology,* London, Longman, 289-332.

——, e LOWENSTAMM, J., 1984, «De la syllabicité», *in* F. Dell, D. Hirst e J. R. Vergnaud (eds.), *Forme Sonore du Langage,* Paris, Hermann, 123-159.

KAYE, J.; LOWENSTAMM, J., e VERGNAUD, J. R., 1990, «Constituent structure and government in phonology», *Phonology,* 7.2, 193-231.

LEBEN, W., 1973, *Suprasegmental Phonology,* dissertação de doutoramento, MIT.

MATEUS, M. H. M., 1974, *Aspectos da Fonologia Portuguesa,* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

MIGUEL, M. A., 1989, «Alternância da vogal fria com a vogal zero em núcleos pretónicos», *Actas do 5.º Encontro da APL,* Lisboa, 119-126.

——, 1993, *Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa,* dissertação de doutoramento, Universidade dos Açores.